

RESENHAS

FARR, James, DYZEK, John S., LEONARD, Stephen T. (eds.). *A Ciência Política na História — Programas de Pesquisa e Tradições Políticas*. Nova Iorque, Cambridge University Press, 1995.

A CIÊNCIA POLÍTICA NA HISTÓRIA

Wanderley Guilherme dos Santos
Laboratório de Estudos Experimentais
Faculdades Integradas Cândido Mendes

A Ciência Política de que o volume se ocupa limita-se, deliberadamente, à vertente americana da disciplina. “Com essa coleção de ensaios, convidamos a que se reflita sobre a Ciência Política americana” é a primeira frase do Prefácio. Entretanto ao final dos doze ensaios que a compõe verifica-se que, na verdade, a restrição significa que a preocupação central da obra é investigar as sucessivas contribuições americanas à problemática universal de disciplina (métodos, conceitos, problemas), mais do que reduzi-la ao registro de simples querelas provincianas. Os limites encontram-se, por opção, na bibliografia contemplada, autores e obras de compatriotas, antes que na substância da contribuição destes.

A ambigüidade do título é responsável por um segundo equivoco de auto-avaliação dos editores. O tema da Ciência Política na história pode ser entendido como o propósito de descrever cronologicamente a diversidade das “escolas” ou “abordagens” que caracterizaram a evolução da disciplina nos Estados Unidos. Neste caso, como se lê na página de rosto, “cada ensaio forneceria uma visão especial [...] da história da Ciência Política acadêmica”. Alternativamente, não seria insensato compreender o objeto de tal *título* como constituído pela interação entre a dinâmica conceitual interna à disciplina e a dinâmica real dos processos mundanos estudados por ela. Embora a ênfase intencional dos editores e de cada um dos ensaístas coincida com a primeira alternativa hermenêutica, a agregação dos capítulos termina por produzir um volume bem mais parecido com a segunda.

Assim, sugiro que o livro seja lido em desacordo com as intenções explícitas de seus editores e autores. Bem mais do que uma história da Ciência Política americana, trata-se de um volume sobre a dinâmica da disciplina na história política americana. Sem prejuízo da primeira alternativa de leitura, esta segunda forma de aproximação permite um aproveitamento dos ensaios muito mais rico e interessante.

Os temas poderiam ser tomados de um *Syllabus* de um curso introdutório: o declínio do “Estado” e as origens do pluralismo; a aliança ambivalente entre a Ciência Política e a democracia; opinião pública, raça e darwinismo na Ciência Política; behaviorismo; análise de políticas governamentais e vida pública; teoria espacial das eleições; instituições e abordagens da escolha racional. Eis aí. A elaboração da lista obrigou-me apenas a consolidar em um só título dois ou três ensaios e a omitir o qualificativo “americano (a)” onde existia.

A contribuição maior do volume, em sua completude, consiste no exame quase que sistemático, embora não buscado por nenhum autor em particular, das inter-relações entre os conceitos, problemas, métodos e paradigmas que organizam cada um dos tópicos e aspectos da evolução da própria sociedade americana. Os temas *raça, opinião pública, pluralismo, realismo em relações internacionais* etc., não nascem de exigências da estética interna da disciplina, sustentada pela comunidade científica, e tal como pretende um dos autores (FEREJOHN, “The Development of the Spatial Theory of Elections”, pp. 253-275, nota 2, p. 273), mas do confronto entre a elegância das hipóteses e teorias e os conflitos raciais em larga escala, os grupos de interesse, o crescente desprestígio da atividade pública ou a ameaça de uma guerra nuclear. O que é ser racional? A resposta para esta pergunta encontra-se em sua subordinada: em relação a que? E a resposta a esta, por sua vez, é imposta pelo mundo lá fora.

Sem mal-entendidos. O volume é de excepcional qualidade e altamente recomendável, precisamente porque autores da competência de Terence Ball, James Farr, John Ferejohn e Kenneth Shepsle, entre outros, sem talvez consciência disto, produziram reflexões sobre os temas mencionados tanto no que se refere à evolução dos conceitos estritamente interna à disciplina, quanto sobre os problemas constitutivos do principal

interlocutor de qualquer cientista: o mundo comum da humanidade.

Não é impossível que o amadurecimento da Ciência Política, no Brasil, já tenha atingido esforço semelhante. Se tiver, o empenho de alguém ou alguma editora em promover tal empreendimento poderia trazer o benefício de que se mapeasse o território já coberto e por cobrir, pela disciplina, além de que ficaria revelada em que medida os profissionais dela têm cumprido sua responsabilidade de competência científica e de dever cívico.

Wanderley Guilherme dos Santos é Professor Titular de Ciência Política (UFRJ), membro do Laboratório de Estudos Experimentais (LEEX) das Faculdades Cândido Mendes e autor de inúmeros ensaios e livros em Ciências Sociais, entre os quais *Razões da desordem* (Rocco, 1993).

* * *